

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: O ENCONTRO COM A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO MÉDIO**

**Guilherme da Silva Batista**

Pós-graduando em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ / E-mail: guilherme.batista15@yahoo.com.br

### **RESUMO**

O estágio supervisionado obrigatório é requisito parcial para obtenção de título de licenciado para quaisquer cursos de licenciatura. O seguinte relato evidenciará a aula de regência, etapa final do estágio, que teve como proposta trabalhar autores de literatura africana de língua portuguesa com turmas de quarto ano do ensino médio. A sequência didática previu elementos pré-textuais para reflexão acerca das temáticas identidade racial e representatividade inseridas no texto. O principal propósito da atividade foi fazer com que os alunos – na condição de leitores literários em construção – pudessem problematizar as questões abordadas no texto literário e exercitar o pensamento crítico por meio de atividades linguísticas e epilinguísticas sugeridas em exercícios e debate. O resultado da aula foi a elaboração de resenhas por parte dos alunos sobre um dos autores e obras apresentados ao longo do período de estágio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Africana; Práticas de Leitura; Estágio Supervisionado; Representatividade Negra; Leitor Literário.

### **EXPERIENCE REPORT OF SUPERVISED INTERNSHIP: MEETING WITH AFRICAN LITERATURE IN HIGH SCHOOL**

#### **ABSTRACT**

The mandatory supervised internship is a partial demand to obtaining a bachelor's degree for education courses. The following report shows a conducting class, the final stage of the internship had as proposal studying authors of portuguese-speaking african literature with classes of the 4th year of high school. The didactic sequence provided pre-textual elements for reflection on the themes of racial and representative identity inserted in the text. The main objective of the activity was to make students - as literary readers in the construction - able to think about issues brought in the literary text and exercise critical thinking through linguistic and epilinguistic activities suggested in exercises and debates. The resulted of the class was a review paper written by the students about the african authors and their literary work whose was presented during the internship period.

**KEYWORDS:** African Literature; Reading Practices; Supervised Internship; Black Representativeness; Literary Reader.

## **OBJETIVO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultado da aula de regência do estágio supervisionado. A aula se deu a partir de sequência didática acerca de práticas de leitura e análise de contos literários de literatura africana de língua portuguesa.

Tomou-se como base a LDB nº 10.639/03, que inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, de modo a ampliar o repertório literário e estimular o pensamento crítico dos alunos a respeito da temática identidade racial. Tal problemática se deu por meio de reflexões sobre o racismo estrutural e as marcas do colonialismo. Buscou-se, ainda, promover análise do gênero literário conto; entender o papel identitário da língua; reconhecer a distinção entre conto popular e conto literário, por meio de alusão às tradições oral e escrita; refletir sobre o conceito de polifonia e identificar os diferentes papéis sociais existentes na narrativa.

Assim, a mediação da aula a partir do conto moçambicano “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana, possibilitou reflexão sobre a importância da representatividade negra e o encontro dos discentes com a literatura africana de língua portuguesa, o que pode ser comprovado pela participação voluntária dos alunos na aula. Por fim, foi proposta atividade de produção textual, de modo a evidenciar aos alunos a capacidade de um texto literário gerar outro texto, o que comprova o fato de que o texto é essencialmente um fenômeno comunicativo.

## **CONDIÇÕES DE APLICAÇÃO**

A atividade foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ, Unidade Maracanã, para duas turmas de 4º ano do ensino médio. Por se tratar de instituição de ensino médio técnico, o tempo de duração do curso é de quatro anos. A faixa etária dos discentes era entre 18 e 19 anos, divididos em turmas dos cursos de Química e Alimentos. As aulas de língua portuguesa para as turmas acompanhadas eram ministradas no horário noturno.

## **MATERIAIS NECESSÁRIOS**

Para realização da aula de regência foram necessários os seguintes recursos: *handout* em papel, quadro, caneta para quadro, computador, projetor, livro e revista.

## DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A aula de regência com título “A luta por identidade racial na literatura colonial moçambicana” foi elaborada a partir de sequência didática que teve como objetivo apresentar aos discentes do último ano do ensino médio autores de literatura africana de língua portuguesa. Para a seleção do texto, pensou-se em privilegiar narrativas que pudessem ser capazes de provocar questionamentos e reflexões acerca do tema tratado. Neste momento, tomou-se como base o excerto que segue:

A escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeição, ações e atrações, é a antessala da escuta. Ao escolhermos o que será lido com outros, estamos imaginando por onde poderemos introduzir os textos nas conversas literárias, por onde entram os demais leitores, que encontros e desencontros a discussão poderá suscitar, como faremos para ajudá-los nesses achados, como deixaremos aberta a possibilidade de que o próprio texto os ajude com algumas respostas ou lhes abra caminho para novas perguntas, como faremos para intervir sem fechar sentidos. (BAJOUR, 2012, p.27)

Tendo feito a escolha do texto, buscou-se problematizar a temática por meio de elementos pré-textuais. Inicialmente, a capa da revista “Marie Claire”, edição de abril de 2019, com a escritora nigeriana Chimamanda, problematizou a questão da identidade racial, já que, durante a entrevista, a escritora afirmou ao refletir sobre o racismo que sofreu quando chegou aos Estados Unidos: “Eu não sabia que era negra até ir para os Estados Unidos. Eu não me entendia como negra porque na Nigéria todo mundo é negro”. Isso a fez entender como o fato de ser negra era mais que a cor da pele, e sim uma identidade política. Em seguida, outras imagens foram utilizadas para provocar os discentes, como, por exemplo, do projeto “Identidade Negra”, no Instagram, que trás personagens mundialmente conhecidos, mas como versões negras. Por fim, foi apresentada a imagem de um dos protagonistas da franquia “Marvel”, o Pantera Negra, mostrando como a identidade negra tem ganhado destaque.

A partir dos elementos pré-textuais, deu-se início à leitura integral do conto em sala de aula para que, em sequência, viessem as propostas de reflexão. Realizou-se a tentativa de romper com a perspectiva historiográfica da literatura a partir de modos de ler menos controlados ou atrelados a conteúdos pré-determinados. A partir da temática adotada – literatura negra e representatividade – os anseios dos alunos possibilitaram comentários pertinentes e análise linguística resultantes da linguagem social oferecida pelo texto. A dinâmica de textos que possibilitem o elo entre a linguística e a literatura

são fundamentais para que se possa obter bons resultados no processo de construção do leitor literário, bem como Colomer evidencia:

(...) o trabalho linguístico e literário conjunto permite apreciar as possibilidades da linguagem naqueles textos sociais que o propõem deliberadamente, como é o caso da literatura. Por outro, a inter-relação se produz através de formas mais indiretas, já que o contato com a literatura leva (...) a interiorizar os modelos do discurso, as palavras ou as formas sintáticas presentes nos textos que leem. (COLOMER, 2007, p.159)

A escolha pelo gênero literário ‘conto’ se justifica pela brevidade do texto e pela oportunidade de que a leitura pudesse ser feita integralmente em sala de aula. Durante a aula foi discutido a variedade de estilos que o gênero pode oferecer, desde contos ligados à tradição oral, bem como ligados à tradição escrita. Ao ler a narrativa de “As mãos dos pretos”, foi proposto que os alunos refletissem sobre a proximidade com as tradições oral e escrita. Sobre a não unidade do gênero conto estabeleceu-se que:

Importante é não tratar o conto de uma forma pasteurizada/padronizada. (...) A palavra conto comporta seres muito distintos entre si, podendo se referir a contos de fadas ou a contos populares, que necessitam de um tratamento didático diferenciado. Já o conto literário, que não está ligado à tradição oral, mas à tradição impressa, também apresenta vários matizes, conforme a época ou o autor que o praticou. (SCHEFFEL, 2016, p.29-46)

Foram propostos – após leitura e discussão de primeiras impressões acerca do texto – exercícios de norteamo para auxiliar na interpretação dos discentes. A primeira questão sugeriu: “De acordo com o enredo da narrativa, pode-se dizer que o conto ‘As mãos dos pretos’ está mais ligado à tradição oral ou tradição escrita? Justifique e apresente elementos do texto”. Nesse sentido, foi possível que a turma discutisse sobre o gênero textual e, ao justificar a resposta, realizar indiretamente atividade linguística.

No primeiro parágrafo do conto, o uso dos pronomes pessoais ‘nós’ x ‘eles’ marca mais do que as pessoas do discurso. Como pode-se observar no excerto:

[...] ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores que nós, voltou a falar nisso de as mãos serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles andavam com elas às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. (HONWANA, 2017, p.107)

Com base nessa afirmação, a questão seguinte propôs: “O que esse recurso da língua – uso dos pronomes pessoais – reforça ao longo do texto?”. A ideia era que os alunos pudessem associar as personagens a diferentes camadas sociais, bem como notar a diminuição da identidade negra nas falas de alguns personagens e a relação colonizado-colonizador, além do processo de embranquecimento do negro e o racismo. O objetivo

era para além de tratar os pronomes através de metalinguagem, mas fazer com que a turma entendesse a função no texto por meio das impressões individuais. Como afirma Rouxel:

Não se trata (...) de renunciar ao estudo da obra na sua dimensão formal e objetiva, mas ao acolher as impressões dos alunos, favorecer neles a descoberta das implicações pessoais na leitura. Trata-se de fazê-los sair de uma postura de exterioridade construída face a um objeto escolar para levá-los a compreender que a obra dirige-se a eles. Se os professores não auxiliam nessa tomada consciência, ela está arriscada a nunca ocorrer. (ROUXEL, 2013, p.206-207)

A última questão do exercício perguntou se era possível saber a identidade racial do narrador e de sua mãe e como isto ocorre na narrativa. Em primeiro momento, os discentes apontaram que claramente o narrador tratava-se de uma criança, já que ao longo de todo o texto as indagações e inquietações do narrador refletiam um comportamento comum de crianças, de sempre questionar até que uma determinada problematização fosse sanada. Posteriormente, a identidade racial ficou evidente quando a mãe do narrador fez discurso revelador e beijou as mãos do menino. Enquanto todos os demais personagens trataram a cor das mãos como diferente do restante do corpo, a mãe afirma que todas as mãos são iguais. Fazendo uso de metonímia, a personagem fala das mãos iguais, mas quer falar na realidade de igualdade num todo. Como pode-se notar:

Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fui para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido. (HONWANA, 2017, p.109)

Trazendo uma reflexão sobre a língua como ferramenta para a construção da identidade dos indivíduos, foi feita a leitura do excerto que segue, para que a aula fosse finalizada com apontamento acerca da importância da língua e da identidade, como Antunes evidencia: “A língua (...) é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que

desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo”. (ANTUNES, 2007, p. 22-23)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no exposto, a experiência pedagógica do estágio supervisionado foi significativa e resultou num desfecho positivo com a aula de regência bem-sucedida.

É indispensável destacar na escola o papel do leitor na construção de sentidos para colaborar, de forma concreta, com a formação de um leitor crítico e com a prática escrita dos discentes. Além de questões gramaticais, é preciso analisar os aspectos contextuais, sociointeracionais e as intencionalidades articuladas à construção dos textos.

O processo de ensino-aprendizagem deve deixar de ser visto como uma atividade de transmissão e passar a ser uma tarefa de construção coletiva. Com isso, o professor deve assumir o papel de mediador e acolher o conhecimento de mundo dos alunos. Segundo Possenti (2012, p.95): o ensino de português deve deixar de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos, e passar a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma tarefa em que o professor deixe de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sanções.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

COLOMER, Teresa. Ler, expandir e conectar. In: **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

HONWANA, Luís Bernardo. As mãos dos pretos. In: **Nós matamos o Cão Tinho**. São Paulo: Kapulana, 2017.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

ROUXEL, Annie. O advento de leitores reais; tradução: Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. de (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SCHEFFEL, Marcos. **Leituras mediadas do conto na sala de aula**. Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.